

## O ROSTO E A CASA

*Mário Cláudio*

Percorreram a terra, a mondar o trigo e a apanhar a lenha. Erigiram o torso, a varejar a oliveira e a carregar a uva. Moeram o milho, amassaram o bolo, extraíram o pão. E viram o próprio rosto, pela primeira vez, no olhar do desejo do homem que as escolheu. Cortaram a envide do menino roxo, adormeceram contra as manchas da parede. Apertaram o bico das mamas, para que o leite saísse, comprimiram o pano, em redor do inocente. E viram o próprio rosto, pela segunda vez, nas águas do regato que lhes lavava os trapos. Acenaram o adeus do soldado e do emigrante, ao fim da tarde, gritando sem tréguas, na estação e no cais, de mãos amarradas, como as avós, à cabeça desgrenhada. E depenaram a galinha, antes de a chamuscar, e enfiaram o sapo, no panarício do dedo, e deixaram a dúzia de ovos, aos pés do altar de São Bento. E não viram o próprio rosto, pela terceira vez, quando lhes achegou a comadre, aos lábios murchos, o espelhinho redondo, que haviam ocultado.

1. Em sua câmara alvíssima, inicia Josefa de Ayala, defronte da janela donde Óbidos se avista, um cesto de bolos e de toalhas. Escolheu o amarelo-ovo e o branco espesso, para as confituras frias, e esmerou-se no debrum da frioleira. E, cem anos antes, falava da Infanta Dona Maria, sua Irmã, Dom João III de Portugal, nos termos que seguem.

### INFANTA DONA MARIA

Pelo aniversário de Maria, como se me houvesse isentado de meu despacho, espreitei do balcão, um pouco a medo, por mor de ver como decorria o

festim. O Duque de Lerma, que tanto aprecia estas funções, encomendara comediantes e dançarinos, oriundos todos, para cumprir a tradição, das bandas de Aldeia Galega. Não posso dizer, contudo, que se divertisse a Infanta excessivamente, muito conscienciosa, agora, da gravidade dos anos, escolhendo voltar-se menos para as folias do Mundo que para as delicadezas de seu interior. E era como se pairasse ela, de fato, para além da algazarra das pandeiretas argentinas, distraidamente acompanhando, para que a não tivessem por demasiado altiva, as tropelias dos foliões e das folionas, gente que obedecia ao toque do tambor, rodopiando à toa e executando contorções e cambalhotas. Terminado aquele número, foi avançando um moço que, de longe, considerada a cópia de vestimentas e de adereços, com que se ataviava, não logrei determinar de quem se tratava. E só o padre Simão, sempre atento, mo apontou, logo ali, como Pero Vaz de Caminha, um desses vários que, para bem ou para mal, soem poetar constantemente. Parecia um papagaio do Brasil, com os calções azuis, golpeados em muitas fitas, de modo a revelar o tafetá amarelo, que por baixo trazia. Quanto a suas meias, era verde, a de uma das pernas, e preta, a da outra, e eis que ia transportando, no braço, como um escudo, o chapéu de pele de lince, com um certo medalhão de marfim, o qual, segundo me explicaram, representavam os trabalhos de Hércules.

Achegaram-se mais as três senhoras, Paula Vicente, Joana Vaz e Luísa Sigeia, como um rebanho de ovelhinhas, à figura de sua ama. E, ao verificarem que estacara o Caminha, de repente, no meio da estância, obrigando a que todos os circunstantes, como que por imperativo de cortesia e de justiça, abrissem alas, assemelhou-se-me tomarem, as três, algum susto, temperado por bastante ironia. Retirando um maço de folhas, dos dentro do capote cingido, sobre cujo peito recaía um colar imponente, de prata e de ouro entrançados, preparou-se o fidalgo para dar a conhecer as suas últimas composições. Ao erguer a voz, então, num timbre evidentemente falso, foi como se uma tosse de gargalhadas, reprimidas com assaz dificuldade, atravessasse os convivas, levando a própria Infanta, para recobrar a calma, a puxar do lencinho de cambraia, que entalara, com graça suprema, num de seus anéis, tocando com ele o nariz, num elegante vagar. Contava aquele bufão, entretanto, muito senhor de si mesmo, de lirás e de boninas, de Romãos e de Gregos, de estros prisioneiros e de lances do amor. Pelo que respeitava a Joana Vaz, estava ela a disfarçar o embaraço de que padecia, mordendo uma ou outra das tâmaras, daquele grande prato de estanho que, muito assiduamente, lhe enviava um primo seu, dos campos de Arzila. Quase distraída, ia penteando Paula Vicente a plumagem de garça do leque branquíssimo, que alguém, por homenagem ou por dádiva, lhe colocara, como um pássaro em vôo, entre as mãos primorosas. E Luísa Sigeia, sem poder dominar-se, por mais tempo, eis que se socorrera do rosário que a acompanhava, quase sempre, iniciando um mistério, muito devota, com que impetrava paciência e decoro, a Nossa Senhora das Dores.

Diante do desastroso espetáculo, com Pero de Andrade Caminha, como

um histrião gesticulante, a berregar os seus versos, foi Dom Jano, o macaco, o primeiro a ressentir-se. Ao colo de minha Irmã, começou a tremer fortemente, nas patinhas traseiras, irritado com tais mostras de insuportável ridículo. E, apercebendo-se do escândalo iminente, porfiava a Infanta por o domesticar, chegando a pontos de, para o defender da triste exibição, lhe vendar os olhos, mui docemente, com o tal lencinho de cambraia. Nem assim, porém, se reteve o animal e, desatando a guinchar, como um possesso, saltou para o chão, desceu os degraus do palanque onde a sua dona se assentava, atirou-se a Andrade Caminha, com fúria inaudita, fazendo voar, em todas as direções, o texto da versalhada. E, como se tanto não bastasse, agarrou-se às vestes do recitante, deixando-as em mais tiras do que as que eram de moda, repuxando as sedas e os tafetás, que se quedaram espalhados, num vasto desalinho de trapos, pelos ladrilhos da sala.

Pela luz da tardinha, quando tinha eu a certeza de que encontraria minha Irmã, inteiramente só, nos aposentos que lhe pertencem, procurei-a no gabinete que fica junto a sua alcova. Estava ela, muito direita, diante da banca de cosméticos, preparando-se para a ceia, ou para mais uma dessas festas intermináveis, com que preenche o silêncio. E, enquanto não acertava com as palavras que utilizasse, pus-me a acariciar a nuca de Dom Jano que, sossegadamente acorçado, ia petiscando uma pesada romã. Era patente que concluíra a Infanta a sua tarefa de tingir os cabelos, como de costume, com açafão, e colocava ela, agora, com mão segura, o verniz preto, nas pestanas. Enfrentando aquele admirável espelho, que minha tia, há anos, lhe despachara, de Toledo, ocupava-se Maria em colorir o rosto, nessa ocasião, com almagre, o que o tornava mais pálido, ainda, e em pincelar os lábios, que possuía muito cerrados, com unto de porco e manteiga pura. Sem a valentia de lhe declarar ao que vinha, que era testemunhar-lhe meu amor profundo, naquela sociedade em que a via ir definhando, ali me deixei demorar, desfiando as contas do rosário, porque outra coisa não me ocorria, em que me empregasse. E um afeto imenso, sem objeto, andava-lhe devastando o coração, até que a morte, assim Deus o não quisesse, a levasse consigo, para o coro dos anjos, do qual, por sua natureza íntima, desde sempre, fizera parte.

“Alguém me chamou, já, a princesa mais rica da Cristandade, e atenta bem, meu Irmão e meu Rei, em como se nos mostra irônica, comparadas todas as coisas, uma expressão assim”. Isto me declarou ela, sem desviar o olhar, nem por um ápice, daquele enormíssimo espelho. Não alcancei eu corretamente o que pretendia significar, com tal frase, e consenti em que esmorecesse, por isso, o deslizar das contas, entre meus dedos. Se pretendia sugerir que a trago, como a um peão de xadrez, à espera de valorizar, junto a quem mais der, sua beleza e suas virtudes, terei em conta de escandalosa injustiça o que, desse jaez, lhe andar a correr, pelas voltas do pensamento. Sem transição, lançou-se a recitar Maria, porém, “Nem descanso, nem repouso, meu malcada vez sobeja, o que a minha alma deseja não posso dizer nem ousar, assi vivo descontente, de assaz dor entristecida, ando perdida entre a gente, nem

mouro, nem tenho vida". Uma pomba, dessas que se afiguram trazidas, como uma boa nova, pela aragem do Tejo, veio aninhar-se, num novelo de penas, sobre o peitoril da janelinha, semelhando escutar, ela também, os versos que a Infanta pronunciava. E um assobio estridentíssimo, de moço tresloucado, subiu na manhã, desencadeando um tremor, igual a uma febre, naquela mulher tão alta, que alguns consideravam santa e discreta, outros insensível a toda a chama, quando não a reputavam de dona que não tivera a dita de casar, sendo grande senhora, todavia.

Arrastava-se o tempo, por conseguinte, entre nós ambos, irmão e irmã que, para confessar a verdade, mais pareciam pai e filha, movidos por contraditórios interesses, descobrindo um enleio qualquer, onde ele não existia, traindo um sentimento sincero, por mor de uma funesta suspeita. E, concentrando-se naquele assobio, tão agudo, foi como se um enervamento se apoderasse de Maria, e já não estava eu, então, naquela quadra estreita, porque muitas eram as mágoas que lhe afogavam o peito. Encarando o espelho que, apesar de lhe refletir a face mimosa, se lhe vovera cruel inimigo, apoderou-se ela de um pano de bretanha e, com rigor incomparável, foi retirando o almagre, e o unto de porco, e a manteiga pura. E eis que, soltando os cabelos, do anel de pérolas, que os aprisionava, se manteve, ainda, diante da própria imagem, contemplando as feições alvíssimas, absolutamente desnudas, enquanto duas lágrimas lhe desciam, até se perderem, sem rasto, na renda finíssima da gola levantada.

Chega o padre Simão Rodrigues, depois, com seus segredinhos habituais, que nem sempre, direi à pureza, me colhem no melhor e mais faceiro dos humores. A avidez com que murmura a Corte inteira, à míngua de questões que, de verdade, edificuem as almas, sobre cada passo de Maria, resume-se em algo que apresenta o efeito, bem daninho efeito, de me distrair dos deveres de meu estado. Profere o padre Simão Rodrigues um longo exórdio, com boa cópia de citações dos Doutores, principiando em São Clemente de Alexandria, para vir a findar em Santo Antônio gloriosíssimo. E a história, desta feita, é de que, na Sexta-feira de Endoenças, após o sermão da Soledade, o qual, aproveitou o padre o ensejo de aduzir, fôra pregado com brilho inferior ao desejável, teria a Infanta, saída para a cerimônias da Páscoa, entrevisto um certo Luís de Camões, poeta cuja fama, por estes tempos, se vem avantajando. E acontecera encontro quejando, no meio dos panejamentos roxos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, naquele passadiço que liga a Igreja do Mosteiro de Santa Clara, por mim e por minha Rainha tão esplendidamente beneficiada, às grandes habitações defronte, onde Maria costuma posar. "Que signo fatal", sumariava o padre, "para dar início a um trato daninho, debaixo da fumarada dos círios com que se vela o Messias morte, enquanto as matracas soam, por todas as bandas, intimando à penitência e ao arrependimento!" "Recolhera a Infanta, porém, após trocar, com aquele moinante, mui breves palavras, de modesta maneira e senhora de si, às casas onde se guardava, revelando atitude que, para compor sua pintura, o meu padre reverendo se não cansava de gabar.

O mal fôra, no entanto, e nisto ia prosseguindo Simão Rodrigues, que uma

tristura dolorosa, a todo o mundo notória, incapaz de ceder, face às drogas comuns, se apossara da Princesa. Que avistaria ela, de fato, ao suspender a pena da escrita, na tradução daquela passagem do Livro Sexto da *Odisséia*, de Homero, em que depara Ulisses com Nausicaa, julgando perceber nela um disfarce da irmã de Apolo? Que pensamento a transtornaria quando, pondo de lado o bastidor pequenino, ficava a picar a unha rosada do indicador, como que a castigar-se de um pecado que não lograra esquecer? Que sede terrível seria aquela, que a impelia a solicitar, a cada instante, infusas e mais infusas de água da nascente de Xabregas, dessa mesma que possui fama de curar os padecimentos do espírito? Explicava o padre Simão Rodrigues que se plantara, ante Maria, o dito Luís de Camões, de supetão, como uma máscara de cena, igual àquelas que figuram, descidas do céu, por complicada maquinaria, nos mais artificiosos teatros da Itália.

Estavam os chapéus do poeta, pelos vistos, respingados de lama, um rasgão dilacerava-lhe a manga da camisa, uma madeixa cobria-lhe a testa, e eis que ostentava, como os reis magníficos e os marujos reles, um displicente brinco, na orelha esquerda. Nefasto fogo parecia arder, além disso, bem dentro dele, quando assim acabava de surgir, como um espectro perdido, que arribasse do portal de algum templo, onde compartilhara a noite, a seguir a uma pândega, com uma chusma qualquer, dessas inúmeras, que por aí se espalham, de vadios, de gatunos e de mendigos.

2. Elegeu Josefa de Ayala, como tema, um bodegón que lhe permitisse, sobretudo, equacionar a luz e a treva. Fez contrastar, por isso, com os planos de sua oficina, duas caixas e um pote de mel, outras vasilhas, sobre um tampo de castanho. Não longe dali, certa monja clarissa vivia, ainda, nos revêrberos da memória de uma odisséia de amor, como no-lo relata Peregrina Maria, sua Irmã, assim.

## SOROR MARIANA ALCOFORADO

Tão pequenina como era eu, Peregrina Maria, pois que me meteram meus Pais, nesta Casa, aos três anos de idade, não deixaria de colher, apesar disso, alguma vaga recordação dos acontecimentos que, agora, estou relatando. E, mesmo que assim não fosse, refrescar-me-ia a memória a repetida narração de Mariana, ao lembrar, “Tão quebrantada fiquei, de todas estas emoções violentas, que estive, de todo, alienada dos sentidos, por mais de três horas”. Desvelavam-se algumas religiosas, das que se descobriram mais condoídas do lastimável destino de minha Irmã, carinhosamente a assistindo, naquele difícil transe. Na boca, com paciência, introduziam-lhe elas colherinhas da canja que confeccionavam, utilizando a enxúdia de uma boa galinha pedrês, para tal efeito, e intentavam fortalecê-la, a mais do que com isto, por acção de um que outro dedal de licor de damasco, que lhe aproximavam, com muita cautela,

dos lábios cerrados, a cujo toque manifestamente repugnava qualquer doçura que, o Senhor me perdoe, não fosse a dos beijos do oficial francês. E, naquela câmara acanhada, aos poucos, fora-se constituindo um como que cenáculo de melancólicas donas, as quais se não retraíam de despeitorar as intrincadas queixas de suas afeições mundanas, com uma protérvia de detalhes íntimos, capaz de ruborizar a menos pudica das cortesãs. Só minha Mariana, alva como a dobra do lençol, onde descansava as mãos esqueléticas, se mantinha afastada daquela efabulação, julgando pressentir, de longe a longe, o torpor das poderosas passadas varonis, a provocar o tinido das esporas de prata.

Ao termo de mês e meio, levantava-se a doentinha, já, no intuito de tomar assento, num cadeirão de pregaria, com os joelhos bem protegidos, entretanto, por uma manta de Estremoz. Perfumavam-lhe as companheiras o aposento, todas as manhãs, com um criterioso defumadouro de rosmarinho, acabando por a persuadir a descer, posto que amparada, à cerca, na curiosidade de observar as rolas que haviam dado criação. Transitavam ao pomar, a partir daí, e encostava-se a convalescente, assaz débil, a dois almofadões, por debaixo de uma macieira anã, deslumbrantemente toucada de flores. Mas era para o exterior, como de costume, que dirigia minha Irmã as sensualidades do seu corpo desvitalizado, na antecipação do ressoar do trote de um cavalo, no antegosto daquela voz gravíssima, que não cessava, quer no sono e quer na vigília, quer na lucidez e quer no desvario, de lhe segredar um incêndio de mistérios, os quais sua carne, somente ela, detinha o dom exclusivo de compreender.

Começou a recuperar Mariana visivelmente, apenas, a partir da altura em que lhe enviou ele, com a astúcia proverbial, um giguinho de verga, carregado de laranjas. Transportava-o um menino preto, de casaca e calção de seda verde, sapatos de verniz, com um largo escapulário de bilros, à volta do pescoço. E pode conjecturar-se o êxito que ganhou aquele pequerrucho, diante de tanta moça, tanta mulher feita e tanta velhinha, a quem estavam sendo sonegadas, ou o haviam sido, no passado, as alegrias da maternidade. Não faltou quem, por isso, libertando o emissário, de imediato, de seu frete, o cumulasse de quantos mimos se inventem, enchendo-lhe as algibeiras e a barriguita, assim de coscorões e de cocós, levando-o a ver o presépio, para que se reconhecesse no rei mago de sua cor. E, junto a minha Irmã, aquietaram-se todas, enquanto interpelava ela o pequeno, com esta pergunta, “Quem foi que te mandou trazer-me as laranjas, meu anjo?”, a que respondeu ele, em sua simplicidade, “Foi aquele fidalgo francês, minha ama, que dizem que é mestre de campo e capitão do regimento de cavalaria.” “E que recado te ordenou ele que me entregasses, meu anjo?”, voltou a seduzida, com muita afabilidade. “Nada me mandou ele que lhe entregasse, minha ama”, retrucou o petiz, “a não ser aquele giguinho de laranjas”. “Eu desejo que se saiba, aqui, declarou Mariana, como quem empreende uma arriscada proclamação, indiferente às consequências dela, “que tudo quanto lhe é alguma coisa me é caro, e que me encontro inteiramente devotada a quanto lhe respeita, e que estas primícias

douradas as andou ele mesmo apanhando, por certo, nos laranjais de Vila Viçosa”.

Pôs-se Soror Mariana, então, muito ensimesmada, a retirar a casca das laranjas e a separá-las em gomos que, de olhos revirados, como se estivesse em êxtase, concentradamente mastigava. E eis que Ana Maria de Santa Teresa, ao apreciar excesso quejando, numa ânsia de desagravo, correu para a capela claustral, desatando a flagelar, como era de seu uso, os próprios ombros. E examinava minha Irmã, entretanto, as restantes freiras que, deliciando-se com o fresquíssimo sumo daqueles frutos terreaux, a ofendiam não pouco, suscitando-lhe um ciúme que não lograva recalcar. Era como se lhe roubassem, afinal, a cumplicidade com o homem de seus sonhos, e não estivesse ele exclusivamente, agora, em sua propriedade, senão sob o domínio das que, não possuindo um corpo que apertassem, contra os peitos, se apoderavam, em sua soledade, do primeiro sinal de amor surgido. E dedicavam-se tranquilamente as religiosas a seu vagaroso repasto, numa espécie de cumprimento, ainda, do silêncio monástico, esse mesmo a que as Constituições belamente se referem, caracterizando-o como “chave da alma e culto da justiça, formosura e ornato das Casas de Religião”. Quem depreenderia, por isso, de semelhante espetáculo, que de outra coisa se curava, ali, distinta da frequência de um sentimento autêntico? “Eis que recebemos, meu Deus, por Tua infinita misericórdia”; recitou Mariana, uma vez terminado o ágape, “o sustento desta carne nossa, que quiseste livre, o amparo deste nosso espírito, que quiseste jovem, e te damos graças, meu Senhor, por nos haveres iluminado, e connosco rejubilam Adão e Eva, reconhecidos pela natureza da falta sublime, em que, por Tua ilimitada vontade, meu Senhor e meu Deus, admitiste que caíssem”.

E uma seiva vivíssima, nesse momento, irrompeu pelas veias de minha Irmã, e ficou ela hirta, e encaminhou-se para uma câmara que conhecia, como se percebesse que, de lá saída, uma voz imperativa a convocava. E deixaram-na ir as companheiras, cientes de que algo de bem extraordinário estaria acontecendo, naquele vetusto Convento da Conceição, em Beja. E era como se tivessem bafejado Mariana os celestes favores, e não lhe fosse o hábito mortalha, e uma como que moção interior a precipitasse, rumo a um canteiro de flores odoríferas, que esmaltavam a relva tenra, com uma girândola de multiplicada coloração. E rodou ela a maçaneta da porta de vinhático, e penetrou na treva dessa sala onde, de quando em quando, se acolhem os visitantes ilustres. E estremeceu o reposteiro de veludo, e entreouviu Mariana o tinido de umas esporas de prata, e afagou-lhe a face um hálito caloroso, e não sentia ela, já, que consentia, porque era no mais elevado dos Céus que, para todos os efeitos, naquela hora, se achava.

3. Escolheu um Cordeiro Pascal Joseja de Ayala, onde se concentrasse a ternura de muita luz declinada. Possui um velo dourado, o Agnus Dei, coroa-o e suspeita de uma auréola, rodeiam-no tulipas e malmequeres, miosótis, violetas e glicínias. Duzentos anos mais tarde, falaria de suas mágoas, e de seus arrependimentos, Ana Augusta Plácido, no Minho profundo, deste modo.

Quando não haviam sido impostos, ainda, todos os tormentos, experimentava eu os que afligem os heróis e as heroínas dos romances, forçando a correr, em minhas veias, o sangue que vitaliza os autores dos respectivos enredos. E lembro-me de traduzir, por esses tempos, em que não pesavam, sobre mim, os fardos da saudade e da mágoa, obras onde exauria a substância nutriente dos nervos sobreexcitados. Eram livros menores, quiçá, os que me ocupavam, *Como as Mulheres se Perdem* e *A Vergonha que Mata*, ambos de Amédée Achard, os quais, naquele instante, pareciam resumir as delirantes aventuras da minha vida. E, se soubesse eu antecipadamente aquilo que o sofrimento haveria de me acarretar, com muito cinismo, apenas, me teria abalçado a transferir, para português, esse fruto de Benjamim Constant, que ostentava o premonitório título de *Aprender com a Desgraça Alheia*. Em Setembro de mil oitocentos e setenta e sete, arrebatou o Senhor o meu Manuel Plácido, o qual constituía a terna memória que, de uma época de opróbrios e de fugas, de paixão e de castigo, me alumiaava as sendas do percurso deste Mundo. Apesar de tal, acobertei-me eu, com minhas penas e meus papéis, tentando enfrentar, na voz do outros, a medonha amargura, que me pungia, não recebendo melhor, em minha ansiedade de obter o bálsamo cauterizador, do que o agravamento da mais excruciante consternação. Ali, ficava essa espécie de herança, para quem desejasse ir estudar nela, no futuro, o retrato de uma amante traída e de uma mãe inconsolável, despojo do meu labor de medíocre plumitiva, a quem não ofereciam, já, os próprios vãos do espírito, ou as viagens da imaginação, o substituto de um lenço de finíssima cambraia, que absorvesse o choro desabalado.

E, para o Camilo, para a obstinação de seu ofício de trevas, é que encaminhava eu, depois disso, a serventia de meus dotes, colocando-me em proveito do glorioso porvir que, no íntimo de mim, sentia concedido ao Escritor. Acumulava os apontamentos de que se utilizaria ele, em folhinhas volantes, impregnadas da infinitude do afecto, que meu agreste companheiro implacavelmente desprezava. E ia, amiudadas vezes, àqueles volumes imensos, com o odor dos cartórios e dos tombos, esmiuçar uma passagem que, de repente, se manifestasse indispensável. “Desentranha-me o excerto da *Iliada*, se faz favor, onde são inventariados os presentes recebidos, por Agamémoron, antes do início da guerra de Tróia”, requeria ele, e lá me deitava eu, muito célere, a buscar aquilo que, por urgência ou por capricho, se afigurava sumamente imprescindível. Quando o mal da vista, entretanto, começou a martirizar Camilo Castelo Branco, e não havia vela, na casa, que não fosse requisitada, para lhe facilitar a leitura, era eu quem lhe recitava os fragmentos que ele exigisse, quando não prosseguia decifrando os escritos que me propunha, garatujados naquela delgada rede, que se assemelhava, com frequência, a uma fantasmagoria de insectos aéreos. E despachava-lhe a correspondência, e organizava-lhe o epistolário, e guardava-lhe os jornais onde o cominavam,

quase alternadamente, de a mais infame criatura da Terra e de o maior gênio de Portugal.

Encontro-me aqui, por isso, sujando a alvura do alçaço, com cousas que, se não equivalerem a uma mensagem final, hão-de significar os arrancos com que uma alma oprimida diligencia libertar-se. E, aproveitando alguns elementos desta resma de manuscritos, atizarei o lume das lareiras, enquanto aos restantes cadernos salpica a humidade deste torrão do extremo da Europa. Que patrimônio legará, a seus netos, Ana Augusta Plácido, quando fechar os olhos pisados, que não seja a crônica que ninguém compôs, e que representa a desautorização da ordem por que se regem os honestos e os justos? Nasci indigente de cautelas, pois que a previsão dos desastres que me esmagariam, para ser verdadeira, não se continha na essência da rapariga que de vermelho se vestia, entretecendo uma camélia muito branca, por solitário enfeite, nos cabelos. E, se aspirasse ao repositório de quanto me exaltou e me submeteu, me coroou de louros e me retalhou os peitos, escolheria eu uma pedrinha humilde, para nela gravar as terminantes palavras, "Nunca mais".

Debruço-me eu, através da vida toda, sobre o rosto alterado do nosso primogênito, buscando a explicação do castigo enorme, fulminado por um deus de cuja infinita benevolência me falavam os catecismos. E vejo-o, em resposta às minhas interrogações, dependurado das ramagens, como se fosse um desses mistos do humano e do animalesco, que preenchem os relatos das mitologias antigas. Quando as fúrias se apoderam dele, e não há recanto da casa, por conseguinte, em que me ache resguardada, contra o flagelo de seus gritos estrídulos, vou ajoelhar-me, diante de um altar, e ponho as mãos, e imploro a misericórdia dos Céus. Abre-se-lhe um sorriso muito manso, então, e embalo-o docemente, no regaço, ou guio-lhe os movimentos do lápis, com que desenha tudo que o olhar lhe oferece, faces e montes, castelos e bichos, e deponho essas delicadezas de uma alma inocente, diante do Pai que, em verdade, não padece menos do que eu. Que espinhos coroam a cabeça do meu doudinho, ao quedar-se imóvel, no escuro das noites, a perscrutar os abismos do extermínio, sem que se lhe modifique o semblante, à passagem da luz do candeeiro-de-petróleo, com que procuro alumiar-lhe aquela prostração? "Jorge, meu filho", segredo-lhe debilmente, ao ouvido, e não se manifesta graça que mo devolva, são e perfeito, como merecia, e nenhuma cousa me resta, além de lhe aconchegar os cobertores, aos pobres ombros nus, na esperança de que o dia desponte, e recolham os espíritos malfazejos a terrível malha do pesadelo que o abate.

Quanto ao outro, ao que anda desenfreado, como se cada hora equivalesse à derradeira, apressando o termo da sua existência, na constante antecipação do momento seguinte, não há ternura de mãe que se corporize, mas o receio, apenas, e a antevisão da tragédia. Povoamos o terreiro essa súcia que o acompanha, em que as perdas se cruzam com os contrabandistas, e os cocheiros se chocam com os jogadores, e reclama ele mais dinheiro e mais cavalos, que lhe autorizem a prossecução, assim, da infernal correria em que

se lhe voltou o fadário. É o segundo braço da cruz a que o Senhor nos pregou, e dele tomamos consciência, sempre que as gargalhadas e os impropérios nos tingem, e as gavetas se revistam, em demanda do que haja sobrado, e não deixam os credores de sacudir o cabo da sineta, exigindo a imediata satisfação de seus direitos. Não existe voz que o demova, nem princípio a que obedeça, nem remorso que o transforme, porque a seu negro coração, tão-só, presta ele contas, no gozo infrene dos prazeres da carne, na embriaguez alucinada de todos os sentidos. "Nuno, meu filho", acerco-me da sua figura, com estas palavras, e eis que deparo, por réplica, com o insulto que fere, com a frieza que mata, com a porta que bate, na cara lavada de lágrimas.

Será esta, meu Jesus, a descendência de Ana Augusta Plácido e de Camilo Castelo Branco, para que contemple o Mundo, à vista dela, a sanção que desce, sem apelo, sobre os que prevaricam? Revertto à minha mocidade, na lembrança, e considero como era imenso o amor, toucado de rosas, levado em triunfo, de encontro aos exércitos da morte. Ninguém inventaria, por essas alturas, coragem que me falecesse, nem arrogância com que não houvesse eu sido premiada, quando permaneciam longe de mim, ainda, apesar dos sobressaltos e das carências, os instrumentos do martírio que me pungiria. Observando a expressão do homem de meu incauto destino, admitia eu que não cairiam, nunca, sobre mim, as trevas quaresmais, pois que possuía, ali, um peito amorável e um espírito atento, sob uma revoada de eternas afeições. Bem certeiras se revelariam, Ana Augusta, as profecias de quantos te voltaram as costas, ao avistarem-te, já, há quarenta longuíssimos anos, perpetuamente encarcerada e sem remissão.

Em volta de Camilo, adensavam-se as sombras, a formar um muro altíssimo, por detrás do qual se defendia, talvez, das flechadas do exterior, soçobrando nos tormentos da sua mente conturbada. E não cobrava descanso aquele ser, como se a natureza o houvesse transmutado, de modo crescentemente irreversível, numa fera faminta, dilacerando as próprias carnes, no ímpeto de se domar. Chamava uma carrugagem que o transportasse, de imediato, ao Porto ou a Santo Tirso, a Guimarães ou ao Prado, e eis que, acto contínuo, volvia a Ceide, onde o aguardava eu, escrava de um dever que se recusava ele, sempre, a servir, ofertando-lhe o silêncio tranquilizador, quando nada mais tivesse a lhe tributar. E tornava-se um diadema de velas acesas o casarão, para que se lhe iluminasse o caminho que levava, e não cessava de avançar a escuridade, ameaçando sufocá-lo, a todo o instante. Permanecia estático, assim, em sua cadeira, por semanas a fio, e era necessário conduzi-lo, à tardinha, àquele quarto onde, apesar da cegueira, fosse dia ou fosse noite, jamais, mas jamais, as lâmpadas se extinguíam. De longe a longe, uma turbação o tomava, e punha-se a garantir que vislumbra uma claridade, e que um anjo lhe ia apontando, por aí, a saída do negrume, mas recaía, tão pronto se exaltava, num abandono maior. E não existia quem o amparasse, na trajetória que, dentro de si mesmo, andava executando, apegado a um imaginário bordão, que desconhecia o terreno a tatear. Batiam as horas, no relógio da sala,

e tanto fazia que cantassem, lá fora, os pássaros, ou que uivasse o vento, pelas frinchas do telhado, porque era mais gigantesco do que tudo o peso das nuvens tenebrosas que, em seu desolado coração, se albergavam.

4. Trabalha Josefa de Ayala, agora, num prato de porcelana, com melões e peras e uvas, e numa salva, com limões e maçãs. Conhece o ofício, já como ninguém, e decorou a vista de Óbidos, através do postigo entreaberto. E, trezentos anos depois, no Porto, Guilhermina Suggia, violoncelista de quem a história se escreveu, irá morrer, percorrido meio mundo.

## GUILHERMINA SUGGIA

Com o atrito dos anos, mais e mais, a todo o instante, se lhe esmerava o dispositivo cortesanesco. Viam-na com um cavalheiro, agora, que à órbita se lhe diria condenado, linfático organismo indiferenciável da mulher em cuja esfera gravitava. Entrando e saindo de um veículo, à frente se afadigava do recurvo sujeito, de luto perpétuo, a quem por pilhéria andavam alcunhando de “o arco vestido de negro”. Com Malcolm Sargent, afinal, pouco afã lhe tomaria o desfazer-se de uma enorme compostura. Numa jogada eminente, que o incluía, certa aluna obrigara a gatinhar sob a tralha do palco, a trepar a um praticável e a um órgão de luzes. Concedia-lhe o maestro o ouvido deferente, logo pelo achado combatendo de um preceito salvador, na escaldante pirotécnica de que a posse se excluía. Bastas vezes, com ela repassando o segundo andamento do Concerto de Dvorák, em seu langor que do risco venatório à modorra pastoral ascende, a música lhes haveria de parecer descarga providencial. Inexcedível, de resto, era a perícia com que certo anel de fogo ia forjando, dentro do qual buscaria proteger-se da concorrência das fêmeas restantes. Quando num duelo consentia, como era sempre que a picavam essas quantas, invejosas do talento acrescentado à vitória sexual, logo se descabelava por dentro, friamente de vulgares as apodando, quando não de mastronças, de pandorgas, mesmo até de bazulaques. E cada vez menos se compreendia, ao violoncelo também, sem a tal inquietação do namoro complicado, bilhetinhos que apressada redigisse, tardios telefonemas, levantados macaréus. Fincava-se numa estratégia, recuando com o fim de se não denunciar, para seus bichos transferindo essa longa carícia, que jamais lograria um objecto.

Sugeriam que dera em arranhar o toque, quando o indeferimento justificavam de um cachet, ou o aprumo da artista reputavam de incompatível com o encanto de pessoas e lugares a que se unia. Ante essa amante, de facto, que o orgasmo lhe recusava, esse filho que num transe nos braços lhe falecia, a si mesma concedia a preferência. Com alarme ia acudindo ao rosto desigualíssimo, ciosa da simetria das sobrancelhas, que não ousava alterar. E, quando no meio do mobiliário se sentava, tudo se lhe antolhava descoordenar-se. De

outra maneira orientava o que tinha em redor, renovava as atitudes, evitava a luz directa e o contraste do fundo. Era como se no caos estivessem seus recortes, necessário fosse, então, ao Universo, uma frase que pudesse legendá-lo. Não apenas na música a pesquisava, num ritmo sim, sobretudo, de missangas e penachos, grandes véus. Mais colorida que nunca, arara seria exigindo a verdade maior, no gesto com que marcava a nota do fim, à posição revertia de descanso, para outra viagem mais, alucinada, partia.

Não lhe inspira o pós-guerra a fé conciliante num mundo a renascer, em que à radicação do temor se substitua o futuro, num crescendo biológico que nada possa empanar. Iam-lhe, em torno, tombando as árvores, o pai, já se disse, a mãe, pouco depois, a irmã, que expira hoje em sua Rive Gauche, ao lado do marido que resmunga, numa ira contensa e a Guilhermina se referindo, "qu'elle ne circule pas trop à Paris". Vai serpenteando pela calçada lisboeta, no escuro do automóvel, até São Carlos, onde a aguardam o Concerto de Elgar. Ainda da vista se lhe não alienou o Tejo, lucilante no poente de Fevereiro, opulento arrás que as intrigas baliza, refrescante cintura sobre um corpo febril. Passou antes por uma farmácia, a comprar as hóstias de clorato de potássio, que ao longo da execução irá derretendo no palato, seco como de costume da ansiedade que a avassala. Vai tagarelando de muita coisa, de assunto saltitando em assunto, ditos que ouviu, promessas que fez. Sempre retrocede à pobre Mona, no hotel onde a deixou, padecente de sezões, num sopro quente originadas que vêm por certo das Áfricas. E, na tarde que finda, é o cabelo de tintura muito forte tal qual uma touca, que poderá desfazer-se de instante a instante, para o regaço lhe descair, o horror desmascarar de um todo engrenado, onde parece a boca, como nos degolados, falar sem pertinência a alguém. Quando na loggia do teatro se apeia, ainda o estado de Mona a obsidia, no quarto anônimo, só. Recolhendo-se por segundos, então, admitirá que não pouco a rala, também, o corte a que vai submeter-se o marido, de um pouco mais, é quase tudo, do que do braço incinerado lhe ficou.

Iniciará aqui a intrincada batalha, de esgotamento e capitulação, com o mal que ao mando se lhe insubordina. Foge-lhe, em Barreiros, o arco dos dedos, vão encontrá-la por terra, entre as contas desligadas do colar. Reclama outra vez, junto à gerência do Europa, do insistente pivete à tinta dos patamares, que a cefaleia lhe anda provocando. E nada acerta com nada, no ciclo assim de fastios e enjões, pruridos, dispnéias. É o doutor quem a auxilia na jornada sem posio, sua faz a condição da que a morte designou. Conversam menos que nunca, nas profundas abismados da tragédia pessoal, com o devastado horizonte que se lhes embacia. E o progressivo mal se constrói de milhentos indícios, que a direção culminante apontam apenas, a vítima poupando ao golpe que têm na manga. Logo um pinheiro, um gato, uma população de crianças com seus gritos e carripas, nada de aparência se reveste no vértice em que se desagrega a vida, o próprio sol se recolhe sem garantia de voltar. Assistamos a Guilhermina, que em suas feridas se contorce e em seus pavores, com entretanto o cansaço imensíssimo, a indizível saudade, um ferrete ou uma

lepra que cura nenhuma limpa. Não está certa, ainda, do recinto em que se desorienta, reparando nos matizes em torno, a palavra recambiando para as coisas aprazíveis. São cada vez mais incessantes as cólicas, mais de absurdo acabrunhantes, menos fáceis de imitar num papel estudado. Entre música e sangue, enfim, a disfunção se enraíza, cada qual em seus circuitos, vasta malha que das fezes se ergue, a elas revém, um resplendor atravessa primeiro.

5. Emprega-se numa natureza morta, com frutos e flores, Josefa de Ayala, onde exemplificará a sua mestria. Apurará o jogo das cores, exercitará a alternância das penumbras, deporá os pincéis e as tintas, contente do efeito da tarefa. E, trezentos anos à sua frente, no cemitério de Matosinhos, exumam-se os ossos de Florbela Espanca, que vão retornar à planície rasa.

## OS OSSOS DE FLORBELA

Não há muito que nos coube em sorte examinar, por vasto repositório fotográfico que minuciosamente acompanhou todos os passos da exumação, os restos mortuários da poetisa Espanca. Sem que se tratasse, é evidente, de manual tanatológico, ali se nos patenteavam sucessivos quadriláteros de sépia, narrando a abertura do coval e o aluimento da terra, o descerramento da tumba e a revelação do conteúdo dela, além de certa amostra de sua madeira, de um fragmento do vestido da finada, visivelmente de brocado branco, sob as máculas da humidade e da putrefação.

Por essa tarde de chuva galaico-portuguesa, nem poderíamos afirmar que se não estivesse bem, na casa de Leça da Palmeira que fora porventura o “Hotel Estefânia” de nobriana memória, entre almofarizes de toda a matéria e medida, eclesiais reposteiros de damasco vermelho, santos barrocos e outras coisas assim. O privilégio de manusear o que figurava já na história literária e anímica, voltando páginas e atestando lupas, como um Cronos que vigia os mistérios mais profundos, não pouco da extática fruição nos possibilitava, dessa em que se inclui uma dose de paz segura e uma nuvem de esmaecido horror.

Nem se suspeite, brandindo desde já o bastão punitivo, que de qualquer necrofilia se tingia a voz do possuidor de tais relíquias, que de tudo nos falava desapaixonadamente, não deixando de semear, aqui e além, a estrelinha da vaidade em seus raros fétiches, de denotar essa abastada solidez do colecionador, que muito sabe o que tem e para onde vai. Era, em suma, a manifestação de uma disciplina do espírito, nada que se parecesse com um lastimável desarranjo de cromossomas ou com um irritante desequilíbrio de emoções.

A nós sobretudo competia, enquanto estreloçavam as bâtegas na vidraça, operar o decalque de uma imagem sobre as ossadas enegrecidas de uma rapariga, apaixonada e sofrida, meditativa e doidivanas, que houvera levantado com não pouco melindre as contas do colar, se sentara sob as copas do

Campo Grande com uma capeline ostensivamente imitada da Clara Bow. E ali mesmo nos aparecia, em tíbias e costelas e falangetas, alguns nervos ainda resistentes, que regressava a Matosinhos no último eléctrico da madrugada, se encaminhava para o domicílio conjugal arrastando pelo passeio uma ponta de écharpe, fumando sempre, de soslaio espiada pelos bêbedos de olhar vítreo, com a ronca que ao longe precavia as traineiras contra escolhos e neblinas.

De uma outra forma de compreender e conjugar a beleza se curava, porém, na tal sala de óbvios serões familiares, ante um esqueleto e alguns resíduos que, sem que fosse necessário o espaço para disso nos convencermos, alguém simplesmente nos descrevia como “muito lindos”. Tanto e tanto sobre eles decorrera, regimes e guerras, modas e luzes que tê-los por momentos ao alcance da mão, com a larga e humaníssima repugnância que toda essa tralha nos merecia, nos dava da eternidade um panorama doméstico, a colocar junto aos jornais, ao televisor e ao tricot, ali mesmo à nossa beira.

Teimava desabalado o aguaceiro em sua toada, igual de século para século, que por então se mesclara a uma java ou a um charleston, talvez mais a um prelúdio de Chopin, como à letrada especialmente conviria. Na hora chuvisquenta que nos fora emprestada, outras coisas no entanto viera relatar, rosto agora de algas e marés, dilatado e louco orgulho de estarmos lá, aqui, testemunhas de acaso de um processo infinito, nem começado nem acabado ainda.

6. É para o filho que não tem, Menino Jesus, Salvador do Mundo, que dirige Josefa de Ayala, por fim, a sua atenção. Estamos em mil seiscentos e oitenta, e eis que terá soado a hora da mulher portuguesa, nos relógios todos do Império.

Tosquiaram as ovelhas, para fiar a lã e tecer a manta. Macularam as unhas, a tingir a saís e a cair a parede. Acarretaram o barro, modelaram a infusa, calafetaram o forno. E souberam, pela primeira vez, o contorno do rosto. Entoaram a cantilena, diante do verde da seara estendida. Fixaram o horizonte, com os olhos de nevoiro, e sonharam os países para onde os homens partiam. E souberam, pela segunda vez, as feições do rosto. Entrançaram o vime, de maneira a que ficasse inteiriço o cabaz, pronto a conter as primícias do chão e os afetos da dádiva. E alumiararam a candeia, e escreveram a carta, e rezaram à Senhora, no fascínio das estrelas de ouro, que lhe pontuavam a túnica. Enão souberam, enfim, a sombra do rosto, porque pela casa toda é que ela se estampava, por quantos mares e quantos continentes se desenham, no desdobrado mapa deste Mundo.